

A Educação e a Terceira Idade em Portugal: estudo exploratório de uma Universidade Sénior

Rute Ricardo¹

Resumo: A diminuição dos índices de mortalidade e de fecundidade tem conduzido a alterações demográficas ao nível mundial e nacional. Diversas organizações, como a UNESCO e a União Europeia, têm chamado a atenção para a importância do envolvimento dos adultos idosos nos domínios económico, social, político e educacional. Em Portugal, a falta de interesse do Estado não tem impedido que nas últimas duas décadas tenham surgido por todo o país entidades educativas dirigidas aos idosos. Este artigo dá conta de uma investigação que se insere num estudo mais amplo de doutoramento em curso e que tem como objetivo estudar práticas educativas das Universidades da Terceira Idade. Apresentam-se os primeiros resultados da pesquisa que representam os passos iniciais para a compreensão das questões de investigação.

Palavras-chave: Educação de adultos, Adultos idosos, Universidades da Terceira Idade

Introdução

Nos últimos anos, alguns investigadores têm mostrado um interesse particular pelo estudo do envelhecimento, e os trabalhos realizados têm seguido diversas orientações. Alguns desses trabalhos inscrevem-se na perspetiva ecológica - psicogerontológica, na qual o envelhecimento é abordado a partir de uma base de análise biológica, psicológica e social (Ribeiro & Paúl, 2012). No que respeita aos estudos que partilham uma abordagem sociológica e das ciências da educação, estes apontam no sentido de que os idosos são profundamente marcados pelo seu passado e pela sua condição social quando escolhem (ou não) participar em atividades socioeducativas e/ou recreativas. Complementarmente parece existir cada vez mais uma tendência no sentido da adesão destes indivíduos a práticas que levem a um envelhecimento com impactos económicos, sociais e educativos (Cabral & Ferreira, 2013).

De entre os estudos desenvolvidos alguns centram-se nas Universidades da Terceira Idade (UTI) e nos impactos destas entidades na vida dos indivíduos. Diversos investigadores parecem preocupar-se com a educação e

¹ Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

a aprendizagem, e com a influência destas nas várias dimensões da vida dos idosos (Machado & Medina, 2012; Pocinho, 2014; Veloso, 2011). Tais investigações ora destacam o papel das políticas (Veloso, 2011), ora baseiam-se na psicologia, com o objetivo de compreender as trajetórias de aprendizagem dos indivíduos, tendo em conta a relação da aprendizagem com o bem-estar (físico, psicológico, social, emocional, e mental), a autoestima e a autoconfiança (com particular impacto em termos sociais e educativos) (Machado & Medina, 2012). Outros trabalhos mostram ainda que a participação dos indivíduos nas Universidades de Terceira Idade (UTI) tem efeitos psicológicos positivos e que esta participação parece esbater o isolamento social e a sintomatologia de certas patologias, como a depressão e a ansiedade (Pocinho, 2014).

Parece contudo existir uma lacuna no que concerne especificamente ao debate sobre as práticas educativas, nomeadamente quanto ao que aprendem e como aprendem os adultos idosos que frequentam estas entidades e ao modo como estão inseridos em atividades educativas de carácter menos formalizado (educação não formal). Também são raros os estudos que se centram no grau de envolvimento dos indivíduos, isto é, nas suas formas de participação nas atividades, podendo estes surgir como meros destinatários das práticas educativas, muitas vezes numa linha de ocupação dos tempos livres, ou revelar modos de participação mais comprometidos e ativos, que contemplem a sua conscientização e a sua emancipação social.

Este artigo procura assim conhecer genericamente uma entidade promotora de atividades educativas dirigidas a idosos, e compreender quais as suas formas de participação. Dito de outro modo, pretende-se indagar sobre as principais escolhas dos idosos relativamente à sua participação nestas iniciativas e compreender os impactos destas no seu bem-estar e emancipação. As questões de partida são: i) que entidade é a UTI? Como surgiu esta entidade e como funciona? ii) Quem eram os participantes? (idade, habilitações académicas e ocupação)? iii) Em que atividades participam e de que forma participam estes indivíduos? iv) De que forma a participação na UTI influencia a vida dos indivíduos?

Objetivos e percurso metodológico

Este texto resulta de uma investigação que pretende identificar e analisar práticas educativas das UTI, entendidas enquanto parte de contextos educativos dirigidos sobretudo a adultos idosos, tendo em conta a participação dos sujeitos na conceção, organização, desenvolvimento e avaliação das práticas educativas com impactos pessoal e social.

Este artigo decorre de um estudo realizado no âmbito de um doutoramento e integra diversos momentos, de entre os quais um estudo

exploratório (Yin, 1993) que incidiu sobre uma UTI em Portugal, pretendendo-se, assim, compreender o caso no seu contexto natural (Stake, 1994). A postura exploratória adotada (Yin, 1993) permitiu ter um contacto inicial e a formulação de algumas considerações para o questionário que será desenhado numa fase posterior da investigação. Neste estudo exploratório procurou-se conhecer genericamente a entidade, quem são os principais participantes (faixa etária, escolaridade, habilitações académicas e profissão) e quais as formas de participação. Pretendeu-se também averiguar quais as principais escolhas dos idosos relativamente à sua participação nestes contextos; e compreender os impactos destas iniciativas nomeadamente na participação, emancipação e na questão no seu bem-estar.

Para tal, recorreu-se à análise documental dos vários textos disponibilizados pela UTI em causa (fichas dos membros, calendário das aulas, regulamento) e conversas informais (Bogdan & Biklen, 1994) com alguns participantes-chave no sentido de compreender a origem do contexto educativo e a sua pertinência para estes indivíduos. Foram igualmente observadas diversas sessões e uma festa de final de ano da UTI. Foi também realizada uma entrevista semiestruturada (Fontana & Frey, 1994) ao responsável pela criação desta universidade (E1), que tem estado presente em todos os momentos da UTI, bem como foram realizadas conversas informais com os que participaram nas diversas sessões (designadamente educandos e educadores).

Com estes dados visou-se aferir: i) como se caracterizava a UTI em causa; ii) quem eram os participantes nestes contextos e como poderia ser caracterizada a sua participação nas atividades desenvolvidas pela UTI; iii) como poderia ser interpretada a ligação entre este contexto educacional e social específico e a participação dos sujeitos.

Educação de Adultos em Portugal

Diversos autores têm abordado o papel das organizações internacionais na definição da educação de adultos em Portugal (Canário, 1999; Lima & Guimarães, 2011; Melo, Lima & Almeida, 2002). As análises encontradas defendem que as Conferências Internacionais de Educação de Adultos da UNESCO tiveram um papel relevante na implementação de medidas de educação de adultos em termos nacionais. Com efeito na IV CONFINTEA (1985) deu-se uma atenção particular à educação do idoso (Veloso, 2011) e, mais tarde, nas V e VI CONFINTEA (1998 e 2009) foi destacado o contributo que os mais velhos podem ter na sociedade, a necessidade de se reconhecer as capacidades e as competências destes indivíduos e de se potenciarem oportunidades e condições para a sua aprendizagem (UNESCO, 1998). Apesar desta circunstância, a educação de idosos não parece ter beneficiado de qualquer destaque nas políticas públicas nacionais, notando-se, até, segundo

Veloso (2011), um certa discriminação deste grupo social. Assim, as práticas educativas desenvolvidas neste domínio têm estado à margem das políticas públicas e os projetos existentes não são direcionados para os adultos idosos.

No que a Portugal diz respeito, a educação de adultos idosos tem sido uma área de significativa intervenção de organizações da sociedade civil, nomeadamente as organizações não-governamentais e do terceiro sector, que têm dinamizado projetos e atividades de educação não formal e informal com significativo impacto para os adultos idosos. As organizações da sociedade civil - organizações com objetivos e finalidades específicas - variam em função dos contextos nos quais intervêm e dos problemas sentidos pelas comunidades locais em que se inserem. Estas entidades surgem muitas vezes como agentes de transformação e têm sido consideradas "relevantes para a sobrevivência da esfera pública" (Guimarães, 2013, p. 53), uma vez que estão sensíveis aos problemas concretos das populações e procuram formas para os resolver para lá do que é levado a cabo pelo Estado e pelo mercado.

De acordo com Gohn (2006), as organizações não-governamentais "possuem um know-how em metodologias, estratégias e programas de ação" (p. 514) e, por isso, têm sido fulcrais nos últimos anos, uma vez que estimulam o trabalho voluntário e valorizam a revitalização das culturas locais. Estas entidades, enquanto promotoras de dinâmicas de educação não formal e informal, promovem aprendizagens necessárias aos indivíduos, desenham e testam práticas inovadoras que não se encontram sujeitas a pressões e limites institucionais. Como afirma Melo (2007), estas práticas podem ainda ser definidas e ajustadas a partir dos programas e dos objetivos da entidade e constituírem espaço privilegiado para a aprendizagem dos adultos e para a mudança social.

A educação não formal apresenta objetivos e competências ao mesmo tempo que estabelece metodologias e estratégias alternativas, que não as formais, para atingir os seus fins. Não é organizada por níveis, idades e conteúdos, apresentando um carácter flexível e privilegiando o processo e a inclusão. A abordagem realizada a partir da educação não formal pode ser diferente consoante o público, o contexto, as condicionantes, as possibilidades, as necessidades, etc. Trata-se de uma abordagem adaptável aos "contextos e públicos singulares" (Canário, 1999, p. 80), pelo que as práticas educativas deste nível alimentam-se da diversidade de contextos e indivíduos.

Segundo Freire (1996), a educação não formal possui um processo intrínseco inerente, que está diretamente relacionado com o conceito de *consciencialização*. As práticas educativas de carácter não formal estão relacionadas com a participação, com a transmissão de conhecimentos e com a troca de saberes (Canário, 2006), potenciando laços de pertença e a construção da identidade coletiva de um grupo (Gohn, 2006).

A educação não formal pode desenvolver uma série de processos ligados à construção e reconstrução de conceções do mundo e sobre o mundo, forma o indivíduo para a vida e as suas adversidades (Gohn, 2006), pode levar à libertação da pessoa e, conseqüentemente, da comunidade (educação libertadora) (Freire, 1996). Esta educação é vivida como uma *práxis* concreta de um grupo. Os indivíduos desenvolvem sentimentos de auto valorização e adquirem conhecimento da sua própria prática, problematizando-a, (Freire, 2005), aprendendo a ler e a interpretar o mundo que os rodeia (Gohn, 2006).

A educação informal está relacionada com os processos de socialização dos indivíduos (Gohn, 2006) e diz respeito a processos espontâneos, e/ou naturais, que se encontram "carregados de valores e representações" (p. 517). A educação informal é o processo que ocorre ao longo da vida de forma natural (Quintina, 1994) e através do qual os indivíduos adquirem atitudes, valores, competências e conhecimento, que são influenciadas pelos recursos existentes e pelo ambiente envolvente (família, vizinhos, trabalho, redes sociais) (Coombs, 1989). Como sublinha Canário (1999) este tipo de educação corresponde "a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais, por parte dos destinatários, incidindo sobre situações pouco ou nada estruturadas e organizadas" (p. 80).

No que concerne aos contextos educativos dirigidos a adultos idosos, estes podem surgir como espaços de convívio que integram dinâmicas de educação não formal e informal, e que, adicionalmente, podem permitir a reflexão, o espírito crítico e uma participação mais conscientizada (Formosa, 2011). A importância destes contextos deve-se ao facto de estes indivíduos poderem aí ter uma postura ativa e interventiva, podendo continuar a viver e a acompanhar um mundo que se encontra em mudança, bem como a intervir nas sociedades em que se inserem (Cabral & Ferreira, 2013). Nesta linha de ideias, em certas atividades educativas direcionadas para os adultos, é possível verificar uma relação entre a educação não formal e informal, a reflexão e a participação ativa.

O envelhecimento e as UTI

Portugal é um dos países mais envelhecidos do mundo (Rosa, 2012). As projeções sobre a população residente mostram que o envelhecimento vai continuar a acentuar-se nos próximos anos/décadas e entre 2012 e 2060 poderá aumentar de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2014). Adicionalmente, as alterações demográficas, nomeadamente o envelhecimento tem permitido o surgimento de um relevante debate sobre o papel dos idosos nas sociedades contemporâneas.

Veloso (2009, 2011) sustenta que a velhice pode ser vista e vivida desde duas perspetivas distintas: a velhice passiva tradicional- associada ao

conceito inicial de idosos não produtivos e considerados um peso para a sociedade; ou a velhice ativa - associada à ideia de idosos participativos e inseridos na vida social e cultural. Face ao aumento do número de idosos nas sociedades contemporâneas e tendo em conta estas duas perspetivas, importa ter presente duas ideias centrais: i) é importante que as pessoas permaneçam independentes e ativas à medida que envelhecem; ii) é relevante ter presente o papel que as pessoas mais velhas desempenham nos seus contextos e na comunidade, nomeadamente através da sua participação e envolvimento (World Health Organization, 2005).

Este debate tem levado diversos autores a destacar a pertinência de contextos que potenciem oportunidades de educação e participação aos mais idosos (Machado & Medina, 2012; Pocinho, 2014; Veloso, 2011). Algumas investigações mostram também que os adultos idosos devem ser vistos como um recurso da comunidade, com papéis e funções atribuídas, e que o contacto com contextos educativos e sociais é essencial para que tal se dê (Withnall & Kabwasa, 1989). É neste âmbito que surgem as Universidades da Terceira Idade (UTI). Segundo Sampaio (2012) é em 1973 que Pierre Vellas tem a ideia de “associar a ocupação de tempos livres, lazer, ensino e pesquisa” (p. 48) dando assim lugar à primeira Universidade da Terceira Idade em Toulouse, França, com o objetivo de responder às necessidades da ocupação dos reformados. As UTI surgem, então, como instituições direcionadas para os mais velhos com o objetivo de desenvolver atividades sociais, educativas e recreativas (Jacob, 2012).

Em Portugal a primeira UTI foi criada em 1976. Todavia, é em meados da década de 1990 que surgiram muitas outras entidades análogas e entre 2004 e 2008 foram fundadas mais de 50 destas entidades em Portugal. Atualmente existem mais de 500 espalhadas por todo o país (Jacob, 2012). Apesar das diferentes designações adotadas, estas instituições apresentam características comuns, objetivos aproximados e envolvem sujeitos em faixas etárias semelhantes.

Veloso (2007, 2011) sustenta que os principais objetivos da UTI são: promover, valorizar e a integrar os mais velhos; providenciar o contacto destes indivíduos com a realidade e a dinâmica social local; ocupar os tempos livres no sentido de evitar o isolamento e a marginalização social. No quadro destes objetivos, as UTI parecem assentar numa tríade basilar - aprendizagem, participação e socialização - que procura satisfazer e colmatar as necessidades educativas e sociais, ao mesmo tempo que promovem o bem-estar dos adultos idosos que nelas se integram (Jacob, 2005, 2012).

Todavia, em termos educativos, a questão da oferta nas UTI parece ser ambígua: diversas ofertas parecem orientar-se para o desenvolvimento

de atividades passivas (nomeadamente de educação bancária²), outras atividades potenciam uma relação dinâmica entre os intervenientes e até favorecem a conscientização e a emancipação social (na linha da educação libertadora, problematizadora) (Formosa, 2014). Esta ambiguidade é suportada por diferentes metodologias pedagógicas e pelas diferenças dos sujeitos em termos de envolvimento e participação durante todo o processo, desde a conceção até à avaliação. Por exemplo, no campo da gerontologia educativa crítica a educação de adultos idosos tem como objetivo, entre outros, desenvolver as competências pessoais e sociais destes indivíduos de forma a tomarem uma atitude de prática transformativa e a confrontarem o próprio sistema social em que se encontram (Formosa, 2011).

Complementarmente, diferentes pesquisas revelam que os idosos que participam neste tipo de instituições apresentam um nível mais alto de satisfação com a sua vida (Pocinho, 2014) sendo, neste caso, importante destacar o papel destas entidades em termos de educação informal. A participação, e socialização, dos idosos nas UTI: i) concede a possibilidade de usufruírem e desenvolverem as suas redes sociais, fortalecendo o seu capital social; ii) ajuda ao nível das transições da vida ativa para a reforma (Velo, 2011), promovendo uma melhor adaptação a esta nova fase das suas vidas (Machado & Medina, 2012). Em termos educativos, as novas aprendizagens podem ser vistas como um desafio para alguns idosos e uma forma de se manterem atualizados e ativos, assim como mais conscientes relativamente à sua condição pessoal e à sua emancipação em termos sociais (Pocinho, 2014; Velo, 2011).

Em suma, conceitos como o de envelhecimento são cada vez mais referidos na sociedade hodierna em que vivemos; o campo da educação para os adultos idosos é atual e pertinente, e merece toda a atenção, tanto ao nível das entidades governamentais e não-governamentais como da própria investigação científica. Apesar de, nos últimos anos, começarem a surgir estudos nesta área, parece verificar-se ainda uma lacuna no que toca a estudos centrados sobre a dimensão educacional e sobre formas de participação social dos idosos.

² Paulo Freire (2005), na sua obra “Pedagogia do Oprimido”, conceitua a Educação Bancária enquanto educação que consiste na imposição do conhecimento ao indivíduo. O professor é detentor do conhecimento e deposita-o nos seus alunos. Estes aceitam sem questionar.

O caso de uma universidade sénior em Portugal

Caracterização da UTI

A UTI estudada consiste numa universidade sénior localizada no sul de Portugal. Foi fundada em 2010 e surge enquanto projeto de uma junta de freguesia de um concelho urbano com uma média de 45 000 habitantes (INE, 2011a), no sentido de providenciar atividades educativas e sociais para os adultos idosos do concelho e promover a sua qualidade de vida. Como nos foi afirmado pela responsável da UTI, “o que nós tínhamos eram idosos nos bancos do jardim, na rua e nos cafés. Eles passavam lá todos os seus dias. Eles não faziam nada de produtivo” (E1). Esta UTI encontra-se a funcionar em instalações cedidas pela autarquia, onde tem a sua sede, ocupando também outras instalações para o desenvolvimento de atividades específicas como a dança e o teatro.

Tal como se pode ler no regulamento respetivo esta Instituição tem por finalidade

promover o ensino não formal, através da atualização de conhecimentos sobre diferentes matérias num contexto de formação ao longo da vida, bem como organizar atividades complementares de carácter cultural, recreativo e de convívio, dirigido aos maiores de 55 anos do concelho. (Regulamento da UTI, 2014, p. 4)

Para além deste principal objetivo a UTI visa:

1. ser um espaço de informação sobre os direitos e os deveres dos adultos idosos;
2. promover o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos;
3. combater o isolamento social e a exclusão dos idosos;
4. desenvolver e promover relações interpessoais e sociais entre as várias gerações;
5. promover e apoiar o voluntariado social;
6. promover parcerias com entidades públicas e privadas (Regulamento UTI, 2014).

A funcionar anualmente, entre Outubro e Junho, esta instituição promove dois tipos de atividades: atividades internas (disponíveis para os membros) e atividades externas (abertas a toda a comunidade). Até ao momento deste estudo, esta Universidade oferecia 19 opções de atividades internas (disciplinas), podendo os membros participar em qualquer uma delas. Existem diferentes atividades: várias línguas (como o inglês, francês, espanhol, português); cultura e história (como história regional, história

universal, cidadania), atividades artísticas e performativas (como teatro, coro, dança, xadrez, bridge, *manualidades*); e outras como informática, saúde, ciência para a vida, psicologia e alfabetização.

De acordo com os dados recolhidos, os membros preferem as disciplinas de saúde (77 participantes), informática (64 participantes), inglês (56 participantes) e história universal (51 participantes) - os indivíduos parecem ter uma preocupação com a realidade da globalização e da sociedade contemporânea, em mudança, sendo que as suas escolhas recaem em atividades que lhes permitem estar a par das novas tecnologias de informação e comunicação. As atividades que aparecem como menos populares são a alfabetização (6 participantes) e o bridge (7 participantes).

Adicionalmente a estas atividades de educação não formal são desenvolvidas outras de caráter informal, como as visitas de estudo, os passeios culturais e as festas tradicionais. Estas iniciativas são complementadas com outras abertas a toda a comunidade, como os encontros, debates, as apresentações sobre os mais variados temas que ocorrem mensalmente³. Estas atividades visavam alcançar e atrair um maior número de interessados e eram realizadas com base em parcerias com instituições sociais ou cívicas, públicas ou privadas, contando normalmente com a participação de uma média de 100 pessoas. As atividades da UTI eram assim vistas como fundamentais para promover a educação e combater o isolamento dos mais velhos, criando laços de amizade e proporcionando uma participação e uma socialização a partir das mais diversas atividades.

A inexistência de um espaço próprio foi referida com um dos problemas desta UTI. Outros problemas referenciados remeteram para a falta de recursos financeiros, embora os membros tentassem sempre encontrar uma alternativa, no sentido de resolver a questão e de modo a que ninguém deixasse de participar por esse motivo. Estes casos relacionavam-se, por exemplo, com o pagamento de atividades, como no caso de jantares festivos.

Os participantes e a participação na UTI

Aquando da implementação do projeto para a criação da UTI não foi feita grande divulgação da existência e do funcionamento desta entidade. A principal estratégia de divulgação passou pelos contactos dos sujeitos que participavam em algumas atividades, através das conversas que estes tiveram com os seus familiares, amigos e conhecidos. No primeiro ano cerca de 100 pessoas participaram nas atividades; nos anos seguintes esse número

³ Como foi referido na entrevista realizada à responsável da entidade (E1), alguns últimos temas abordados nestas apresentações tiveram como títulos “100 anos da Grande Guerra”, “Provérbios populares”, “25 de Abril”, “Cidadania”, “Que futuro?”, “A demência” e “A qualidade do sono”.

cresceu significativamente, contando-se mais de 200 membros em 2014. Em Junho de 2015 (altura em que foi realizado este estudo) esta UTI contava com 151 membros, a grande maioria mulheres (75,7%). Como nos foi dito, o decréscimo observado nos últimos dois anos poderá estar relacionado com a introdução de uma pequena taxa anual de inscrição. Nos primeiros anos, a participação neste projeto era completamente gratuita, mas para cobrir os gastos básicos e essenciais (seguro de 5,90€/ano e materiais), a administração decidiu implementar uma taxa de 20€/ano. Apesar da referida taxa ser simbólica e baixa, este parece ser o motivo que levou ao decréscimo no número de participantes (principalmente os que têm um rendimento mais baixo).

Todos os membros têm mais de 50 anos; 7% tem entre 50 e 59 anos; 50% tem entre 60 e 69 anos; 33% tem entre 70 e 79 anos; 8% tem entre 80 e 89%; e 1% tem 90 ou mais de 90 anos. A maioria dos idosos é reformada (mais de 90%) e têm mais de 65 anos. Ao olharmos para este dado, verificamos que o principal grupo de participantes corresponde à população que nos dados do INE aparece como a população não ativa (INE, 2011b).

Em relação à situação profissional que tiveram no seu passado, entre os membros existe também uma grande diversidade de profissões: 13% das mulheres foram domésticas; havia também algumas enfermeiras e costureiras; 7% tiveram uma profissão relacionada com a educação/ensino (docência do 1º ciclo ao ensino universitário) e alguns tinham sido bancários, engenheiros, técnicos, etc.

Relativamente ao local de residência dos participantes no estudo apenas dois não viviam na cidade onde se localiza a UTI⁴.

É possível verificar diversas dinâmicas entre os vários participantes. Alguns ensinam e aprendem ao mesmo tempo. A relação horizontal existente entre eles parece dar azo a uma confiança que lhes permite ter uma postura aberta e participativa. Nas várias disciplinas muitos partilham as suas experiências pessoais e profissionais, contribuindo assim para o sucesso de diferentes atividades. Como nos disse a nossa entrevistada (E1), “é incrível ver como eles aprendem juntos uns com os outros!”.

Na atividade de final de ano foi possível verificar claramente algumas relações intergeracionais. Esta atividade consistia numa festa de final de ano constituída por alguns momentos, designadamente uma peça de teatro, um momento do coro e uma demonstração de sevilhanas. Todos os momentos desenvolvidos e apresentados foram da responsabilidade dos participantes da UTI (educadores e educandos em conjunto) e de alguns convidados (amigos e familiares). Assim, de acordo com os contactos que

⁴ Porém, este número não deixa de ser interessante, uma vez que estes indivíduos têm entidade similar nas suas cidades e, mesmo assim, deslocam-se para poder frequentar esta. Este facto poderá estar relacionado com as características específicas do contexto e as relações que se estabelecem entre os indivíduos.

estabelecemos posteriormente alguns dos momentos de destaque no que diz respeito às dinâmicas intergeracionais foram: as dinâmicas dos educandos com os educadores em atividades como o teatro e as sevilhanas; o facto de alguns amigos e familiares serem convidados (neste caso concreto netos) e se associarem ao coro com os seus instrumentos musicais, formando, assim, um grupo maior e intergeracional. As diferenças do conhecimento entre as gerações complementaram-se e o resultado foi muito positivo. Este facto foi observado nomeadamente no coral em que o grupo etário mais avançado cantava músicas tradicionais ao som de uma pequena orquestra formada por quatro jovens, cada um deles com o seu instrumento.

Nesta linha de ideias, muitos dos participantes com quem falámos afirmaram que esta UTI não era fechada. Complementarmente, destacaram a participação dos adultos idosos na conceção, desenvolvimento e na avaliação, ainda que informal, das iniciativas levadas a cabo. A partilha é visível nas várias disciplinas em que os adultos participam, nomeadamente em disciplinas como saúde, cidadania e informática, em que podem decidir a temática que querem ver abordada, além de que podem abordar esta temática tendo em conta as suas necessidades, questões e conhecimentos prévios. Os responsáveis pela disciplina mostram-se flexíveis e com abertura para estas questões. Nalguns casos os membros organizavam as atividades, decidiam o que fazer e realizavam todos os contactos necessários para a execução da sua ideia, trabalhando em grupo para alcançar o objetivo. Também

No que toca às atividades direcionadas para o exterior os indivíduos também intervêm, sendo muitas vezes eles que propõem a temática que querem ver discutida e como deve ser guiada a ação. Esta situação era apreciada por muitos dos idosos que se sentiam mais responsabilizados e empenhados nas atividades. Neste sentido, foi-nos afirmado que

“Aqui, nada parece impossível. Com motivação, vontade e desejo, tudo é possível! Há sempre alguém que prontamente toma a iniciativa e diz ‘nós vamos fazer, nós vamos, nós queremos fazer isso!’” (E1).

Foi igualmente observado que, apesar da sua idade avançada, muitas destas pessoas eram dinâmicas e encontravam-se aptas para participar das mais variadas formas nas iniciativas promovidas. Isto é, não se limitavam a submeter-se às práticas “pré-pensadas” e previamente definidas por outros. Pelo contrário, eram eles que, muitas vezes, sugeriam atividades e tratavam da organização e do planeamento das mesmas. Nalguns casos eram os próprios indivíduos que propunham as atividades internas (disciplinas) que queriam ver disponibilizadas, como aconteceu com o xadrez e o bridge.

Também na festa de final de ano, nas conversas que se foram estabelecendo, foi-nos dito (e tivemos também oportunidade de testemunhar) que os adultos contribuíram significativamente para a preparação e a execução desta atividade, participando das mais variadas formas, oferecendo suges-

tões, (nalguns casos) planeando e desenhando as atividades, e participando no seu desenvolvimento: pensaram os vários momentos da atividade; participaram ativamente para a sua execução tanto a nível de preparação do espaço, realização dos PowerPoint de agradecimento e de apresentação, assim como as próprias dinâmicas de teatro, música e dança que aconteceram.

De acordo com os dados que recolhemos, a UTI parece assim “ouvir os seus membros”, tendo em conta as suas expectativas e ideias acerca das atividades. Esta forma de trabalho tinha resultados que muitos adultos consideravam bastante positivos. Como nos relataram, a UTI encontrava-se a “funcionar bem”, possuía “atividades inovadoras”, que eram do interesse dos vários membros e que potenciavam o bem-estar dos indivíduos:

...aqui as pessoas já tiveram a sua vida, vida profissional... aqui eles têm a oportunidade de partilhar as suas experiências, de aprender e fazer algo útil com o seu tempo. A participação nesta UTI é a oportunidade de fazer algo útil com o seu tempo, algo que seja saudável. Se não for isto eles ficam em casa a ver telenovelas e coisas desse tipo.
(E1)

Na altura em que foi realizado este estudo existiam 16 educadores na UTI, todos voluntários. Ao olharmos para a sua formação académica é possível verificar uma grande diversidade de percursos (ensino secundário, licenciatura, mestrado ou doutoramento). Igualmente, se constatou uma grande heterogeneidade relativamente às suas idades – o mais velho tinha 77 anos e a mais nova 22 anos. Alguns dos educadores eram reformados, mas a grande maioria encontrava-se a trabalhar. Foi também interessante verificar que uma grande parte destes indivíduos- educadores, nomeadamente os reformados, eram, também eles, educandos. Ou seja, contribuíam nas suas atividades como educadores e membros da UTI, enquanto participavam noutras atividades como educandos. Este é um facto que parecia proporcionar relações de grande empatia e respeito de ambas as partes (educadores-educandos) e fomentar uma dinâmica específica, horizontal e forte entre todos.

Em boa verdade, muitos membros desta UTI, principalmente aqueles que eram simultaneamente formadores e formandos, pareciam ter nesta entidade os seus grupos de amigos, sentindo-se seguros, e bem, num espaço com o qual se identificavam. Esta entidade representava, assim, um sítio onde podiam dar um contributo e, ao mesmo tempo, ganhar com essa contribuição. Mesmo sendo esta uma situação prevista no regulamento da UTI, dado que se referia que “todos os indivíduos têm o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade de oportunidades de formação e aprendizagem, nas diferentes áreas da vida e da sociedade” (2014, p. 4), esta é uma circunstância relevante porque promove a atividade dos indivíduos, a manutenção dos seus conhecimentos e a oportunidade de novos contactos e aprendizagens. Para tal envolvimento contribuíam igualmente as relações

de amizade que se estabeleciam e que, de acordo com o que nos foi dito, eram muito importantes para o bem-estar dos indivíduos que participavam neste contexto. Mas, os impactos de tais relações extravasavam os espaços e as atividades da UTI, pois os participantes encontravam-se e procuravam outros locais para conviver fora do tempo das atividades da UTI. A este propósito, foi-nos afirmado o seguinte: “Às vezes vejo-os no café depois das aulas. Também sei que no grupo de dança os membros se juntam uma vez por mês para irem almoçar juntos.” (E1).

Nesta linha de ideias, é possível considerar esta UTI como “uma comunidade”, dado que os adultos idosos estabeleciam importantes laços entre os membros da entidade e outros da localidade onde a UTI se localizava. Para tal contribuía as atividades mensais abertas a toda a comunidade, bem como as parcerias com outras instituições públicas e privadas, que tornavam possíveis a realização de algumas das atividades (como a dança, o teatro, os encontros mensais). De notar ainda que muitos destes sujeitos apoiavam instituições de solidariedade social locais, como a Cruz Vermelha, associações para os idosos e associações de crianças em risco, trabalhando como voluntários. Esta circunstância foi enfatizada nos diferentes contatos estabelecidos no âmbito deste estudo, tendo sido afirmado o seguinte:

Apesar de inicialmente esta UTI ter sido pensada a partir duma instituição política pequena, como é a junta de freguesia, toda a cidade está a ganhar com isto; Em primeiro lugar os participantes, mas também a cidade como um todo. Existem muitas atividades para a comunidade. Onde quer que nós vamos, promovemos o bom nome da cidade. (E1)

Em suma, a partilha pessoal e a amizade, parecem ser elementos que levaram à participação e à socialização destes indivíduos, e ao sucesso desta UTI. Assim, tal como nos aponta Pocinho (2014), os indivíduos que participam na UTI parecem ter um nível de satisfação com a sua vida, sendo, neste caso, importante destacar o papel destas entidades em termos de educação não formal e informal, como referimos.

Tal como apontamos no quadro teórico, e tendo em conta os dados obtidos, a participação e socialização dos idosos nesta UTI representa num fator que traz vários benefícios para os indivíduos. Estes benefícios passam pela possibilidade do usufruto e o desenvolvimento de uma rede social (Velo, 2011), e ajuda na adaptação para esta nova fase das suas vidas (Machado & Medina, 2012) já que, apesar de reformados, os indivíduos mantêm-se ativos, mantêm contacto com outros indivíduos e até com indivíduos de outras gerações. Estes dados vão ao encontro dos estudos de Newman e Hatton-Yeo (2008) relativos aos benefícios da educação intergeracional, quando salientam que as aprendizagens realizadas nestes contextos têm efeitos positivos imediatos tanto para os mais novos como para os mais velhos. Os autores defendem que a reciprocidade entre os indivíduos e a

aprendizagem que se dá refere-se a uma troca de experiências e conhecimento entre as gerações que representam, para uns, um grande desafio. É pois possível constatar que a participação numa UTI constitui uma forma de os idosos se manterem atualizados, ativos e conscientes relativamente à sua condição pessoal (Pocinho, 2014).

Em termos educativos, tal como nos mostra Formosa (2014) algumas ofertas parecem promover um envolvimento pouco consciente e crítico por parte dos adultos idosos, não potenciando uma relação dinâmica entre os intervenientes nem tão pouco favorecer a conscientização e a emancipação social (na linha da educação libertadora, problematizadora de Paulo Freire). A ambiguidade da oferta educativa traduzia-se principalmente pelo recurso a metodologias pedagógicas que se aproximam frequentemente das usadas em atividades de educação formal, não contemplando as diferenças dos sujeitos, em termos de envolvimento e participação, desde a conceção até à avaliação das atividades (Formosa, 2011), tal como evidenciaram os dados. Assim sendo, considera-se que se, por um lado, as atividades dinamizadas pela UTI estudada visavam a ocupação de tempos livres e a promoção do bem-estar dos idosos, por outro, as finalidades de desenvolvimento de ações baseadas na educação crítica e na conscientização dos indivíduos relativamente às suas potencialidades parecem ser menos claras.

Considerações finais

Neste artigo procurámos descrever e analisar os dados recolhidos no âmbito de um estudo de caso exploratório de uma Universidade da Terceira Idade, dando particular atenção à entidade, e suas características, aos participantes - adultos-idosos-, que se envolviam em atividades de educação não formal e informal, e às características da participação destes indivíduos no que concerne à conceção, desenvolvimento e avaliação de iniciativas. Esta análise teve em consideração trabalhos científicos recentemente realizados sobre a temática dos adultos-idosos, o envelhecimento demográfico e a educação de adultos dirigida a sujeitos que já não se encontram em idade ativa em termos profissionais.

Os dados evidenciaram que A UTI é um contexto que promove diversas relações e aprendizagens intergeracionais através das várias atividades e intervenções educativas de caráter não formal e informal: relações entre educadores/educandos, atividades de índole informal (passeios, palestras), situações de voluntariado noutras instituições nomeadamente com crianças; por último a festa de final de ano. Os benefícios da aprendizagem intergeracional incluem: para os mais velhos a gratificação pela sua contribuição para com a comunidade; para os mais novos os benefícios apresentam-se ao nível do aumento da auto estima e auto confiança; para ambos os indivíduos verifica-se uma maior compreensão relativamente às

outras gerações, sentimentos de valorização pelo outro, aceitação e respeito (Newman & Hatton-Yeo, 2008). Estes dados despertam-nos também para o papel que o diálogo e as relações intergeracionais podem ter nomeadamente ao nível do bem-estar dos indivíduos e da própria sociedade contemporânea.

A aprendizagem intergeracional representa, portanto, uma temática com pertinência atual em termos de investigação, podendo a realização de novos estudos trazer contributos importantes ao nível da implementação de medidas políticas. Constituirá também um meio de valorização e reconhecimento social quanto à participação dos idosos em ações sociais, muitas delas realizadas em regime de voluntariado, que beneficiarão toda a comunidade, (Newman & Hatton-Yeo, 2008).

No caso concreto do estudo que neste artigo se dá conta, destaca-se a importância atribuída pelos participantes ao envolvimento nas iniciativas da UTI, sendo frequentemente referida essa satisfação e o bem-estar decorrente de tal participação. Todavia, tal como outros autores denunciaram, como por exemplo Formosa (2014), pareceu-nos que este envolvimento está ainda longe de contemplar dimensões de educação não formal crítica e emancipatória, uma vez que muitas das atividades não apelam a uma reflexão, e consciencialização, crítica dos indivíduos.

Neste sentido, esta análise permite-nos levantar algumas questões que gostaríamos aqui de deixar: Por um lado, apesar do interesse que os indivíduos nutrem pelas atividades de educação de adultos idosos, foi notório que as iniciativas incidiam sobretudo no desenvolvimento pessoal, centrando-se, sobretudo, na ocupação de tempos livres e na animação sociocultural de carácter adaptativo (Canário, 1999). Cabe aqui perguntar: que outras atividades poderiam ser desenvolvidas que visassem, a interrogação, o debate e uma reflexão crítica acerca do mundo tal como é apontado por Freire (1996)?

Por outro lado, é importante notar o papel realizado por entidades como esta UTI, ela própria mais apostada em levar a cabo atividades que, embora com interesse, parecem desvinculadas dos contextos sociais, culturais, políticos, cívicos e económicos das localidades nas quais está inserida. Cabe também aqui interrogar: que papel poderão estas instituições ter no desenvolvimento local do território em que estão inseridas? Nestas interrogações estamos a ter presente a visão de Canário (1999) quando sublinha que a participação dos indivíduos enquanto atores locais pode transformar “o processo de desenvolvimento num trabalho que uma comunidade realiza sobre si própria, aprendendo a conhecer-se, a conhecer a realidade e a transformá-la”, tendo em conta os recursos locais existentes (p. 65).

Um outro aspeto, ainda, relaciona-se com as atividades/disciplinas que esta UTI realiza. Mesmo que estas tenham muitos participantes, como no caso da disciplina saúde, da informática e de inglês, seria interessante verificar se existem nesta UTI espaços para uma educação crítica ou, se qui-

sermos, espaços para uma alfabetização crítica, promotora da capacidade de leitura crítica e de intervenção no mundo (Freire, 1996) pelos participantes em causa. Apesar de interessantes, estas (e outras) serão questões que poderão encontrar respostas na realização de outros estudos de caso de UTI em Portugal.

Referências

- Bogdan, Robert, & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cabral, Manuel & Ferreira, Pedro (2013). *O Envelhecimento Activo em Portugal: trabalho, reforma, lazer e redes sociais*. Lisboa: FFMS
- Canário, Rui (1999). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Canário, Rui (2006). *Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não-formal*. In AAVV, *A Educação em Portugal (1986-2006) Alguns Contributos de Investigação* (pp. 159-206). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Conselho Nacional de Educação.
- Coombs, Philip (1989). *Formal and Non-formal Education: future strategies*. In Colin J. Titmus (ed.) *Lifelong Education for Adults An International Handbook*, (pp. 57-60). Nova Iorque: Pergamon Press.
- Fontana, Andrea & Frey, James (1994). *The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text*. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds.), *Qualitative Research* (pp. 645- 672). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Formosa, Marvin (2011). *Critical educational gerontology: a third statement of first principles*. *International Journal of Education and Ageing*, 2 (1), 317- 332.
- Formosa, Marvin (2014). *Four decades of Universities of the third age: past, present, future*. *Ageing and Society*, 34, 42-66.
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2005). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gohn, Maria da Glória (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. In *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, 14 (50), 27-38.

- Guimarães, Paula (2013). O terceiro setor na educação de adultos: tensões e ambivalências. *Revista Portuguesa de Educação*, 26 (2), 35-60.
- Instituto Nacional de Estatística (2011a). Censos 2011 Resultados Definitivos – Região Algarve. Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística (2011b). Inquérito à educação e à formação. Lisboa: INE
- Instituto Nacional de Estatística (2014). Projeções de População Residente 2012-2060. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Jacob, Luis (2005). A importância das Universidades da Terceira Idade na qualidade de vida dos seniores em Portugal. *Revista Medicina e Saúde*, Agosto (92), 16-17.
- Jacob, Luis (2012). *Universidades seniores: Criar novos projectos de vida*. Almeirim: RUTIS.
- Lima, Licínio & Guimarães, Paula (2011). *European strategies in lifelong learning. A critical introduction*. Leverkusen Opladen: Barbara Budrich Publishers.
- Machado, Filipa & Medina, Teresa (2012). As universidades seniores- motivações e repercussões em contextos de aprendizagem. *Educação, Sociedade & Culturas*, 37, 151-167.
- Melo, Alberto (2007). O papel das organizações do 3º sector na aprendizagem ao longo da vida. *Cadernos Sociedade e Trabalho*, 10, 7-24.
- Melo, Alberto, Lima, Licínio & Almeida, Mariana (2002). *Novas Políticas de Educação e Formação de Adultos. O contexto internacional e a situação portuguesa*. Lisboa: Anefa.
- Newman, Sally & Hatton-Yeo, Alan (2008). Intergenerational learning and the contributions of older people. *Ageing Horizons*, 8, 31-39.
- Pocinho, Ricardo (2014). *Mayores en contextos de aprendizaje: caracterización y efectos psicológicos en los alumnos de las Universidades de Mayores en Portugal*. Tese de doutoramento. Valencia : Faculdade de Psicologia [da] Universidade de Valença.
- Quintana Cabanas, José (1994). *Pedagogia Social*. Madrid: Dykinson.
- Ribeiro, Oscar & Paúl, Maria Constança (2012). *Manual de Gerontologia. Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Rosa, Maria (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sampaio, Joana (2012). A importância da universidade da Terceira Idade (UTI) de Toulouse na vida dos seniores. In Luis Jacob (ed), *Universida-*

- des seniores: Criar novos projectos de vida (pp. 48-49). Almeirim: RUTIS.
- Stake, Robert (1994). Case Studies. In N. K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). Thousand Oaks: Sage Publications.
- UNESCO (1986), *Quarta Conferência Internacional da UNESCO sobre Educação de Adultos- Recomendações*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.
- UNESCO (1998), *V Conferencia Internacional sobre Educação de Adultos. Hamburgo. Declaração Final e Agenda para o Futuro*. Lisboa: Ministério da Educação. Secretaria de Estado da Educação e da Inovação.
- Veloso, Esmeraldina (2007). Contributos para a análise da emergência das Universidades da Terceira Idade em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 233- 258.
- Veloso, Esmeraldina (2009). Terceira Idade: uma construção social. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 17 (13), 9-21.
- Veloso, Esmeraldina (2011). *Vidas depois da Reforma*. Lisboa: Coisas de ler.
- Withnall, Alexandra & Kabwasa, Nsang O'Khan (1989). Education for Older Adults. In Colin J. Titmus (ed.) *Lifelong Education for Adults An International Handbook*, (pp. 319-322). Nova Iorque: Pergamon Press.
- World Health Organization (2005) *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasil: Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).
- Yin, Robert (1993). *Applications of Case Study Research*. Newbury Park, CA: Sage Publications.